

# TRANS-URBANIDADES E AMBIENTES COLABORATIVOS EM REDE DE COMPUTADORES

Alfredo Eurico Rodríguez Matta \*

## RESUMO

O artigo trabalha a questão das comunidades em rede. São comunidades de práxis, de aprendizagem, de convivência e outras, que tem criado alternativas de interação concorrentes, interatuantes e influentes sobre a clássica urbanidade física e geográfica, criando organizações e espaços de convivência paralelos e em rede, que facilitam entendimentos, experiências e participações em problemáticas muitas vezes distantes do processo urbano local, o que estaria possibilitando a construção da trans-urbanidade e de intercomunidades.

**Palavras-chave:** Tecnologias Intelectuais, Urbanidades, Sociedade em Rede

## Introdução

Desde as primeiras manifestações do que se convencionou chamar de civilização, a humanidade teve nas cidades e na relação de urbanidade o principal centro social de convívio e de interação política de sua vida e do seu cotidiano.

O nascimento da cidade permitiu a formação de grupos de cooperação que, embora criados a partir da divisão de trabalho e de funções sociais próprias da urbe, estavam reunidos pelos objetivos comuns da vida comunitária e interdependente, ainda que muitas vezes sob tensão e conflito, já que as coincidências do território da residência e centro geográfico de convívio, poucas vezes estão acompanhadas do interesse pelo conviver ou compartilhar projetos e afeti-vidades. A cidade se consolidou, então, como centro de convivência e manifestação do interesse e das inter-relações de caráter coletivo, assim como em palco privilegiado para construções sociais, disputas, conflitos e testemunho da história comunitária.

---

\* Doutor, professor/pesquisador da Universidade católica do Salvador - UCSAL / Fundação Visconde de Cairu - FVC/ Universidade do Estado da Bahia - UNEB. E-mail: [alfredo@matta.pro.br](mailto:alfredo@matta.pro.br). Rua João Fróes n. 200, ap. 421, Ondina, Salvador, Bahia, Brasil, 40170040.

Assim sendo, as cidades nasceram para a política, e sempre tiveram na função administrativa uma de suas vocações mais evidentes. As primeiras cidades sempre foram capitais, centros de decisão e poder, e hoje não é diferente: a concentração populacional, da produção e dos serviços cria condição para que nela esteja o poder e o governo constituído. São, portanto, as cidades que têm o papel de capitais dos impérios, dos países, dos estados, províncias e departamentos, ou ao menos de sede administrativa dos municípios. A cidade se notabilizou e confundiu como o centro das decisões e da administração dos grupamentos humanos mais diversos.

Esta posição de centro de convivência e decisões jamais foi questionada, ou pensada como possível em outro meio, que não o urbano. Desde a emergência das primeiras cidades, elas sempre foram o centro de tudo. No final do século XX, porém, o surgimento de uma sociedade informatizada, assim como dos ambientes de convívio em rede produziram uma série de comunidades, reunidas em centros virtuais e ambientes eletrônicos, mas capazes de construir um convívio real, decisões com influências concretas, que acabaram por extrapolar o clássico desenho de convivência e política urbana, criando pela primeira vez na história possíveis comunidades trans-urbanas.

Este artigo trata, ainda que de forma preliminar, da análise da formação destes centros trans-urbanos, comunidades de interesse e convivência, cuja motivação para a formação são o interesse, o desejo e a determinação de conviver de seus membros, e não a coincidência geográfica de território e região física de residência e divisão de recursos produtivos.

Propõe-se assim um exame das alteridades e possibilidades desses novos centros de convivência, poder e administração humana, as comunidades em rede.

## **Convivência, participação e urbanidade**

São muitos os estudos sobre a urbanidade e seu papel na sociedade humana. Podemos admitir a princípio que a cidade tem sido o centro das relações sociais humanas desde que surgiu entre 5.000 a 10.000 anos atrás.

Como bem explica Milton Santos, a cidade é uma organização voltada para a produção coletiva. Mesmo que aparentemente desordenada, confusa, a cidade é sempre um conjunto bem articulado de equipamentos e soluções urbano-produtivas. (SANTOS, 1994, p.57 -74)

É nesse sentido que estão sobrepostos interesses e temporalidades. Bairros e estruturas mais antigas vão convivendo com a sobreposição de novas urbanidades e funções produtivas. De qualquer maneira não é muito difícil perceber a contradição existente nas cidades: por um

lado trata-se de uma construção histórica coletiva, um conjunto organizado de paisagens e equipamentos que caminham para a realização da convivência comunitária, por outro lado a concorrência de grupos e das mesmas paisagens pela conquista de espaços no conjunto da urbe (SOUZA, 2000, p.25-35; ZAJDSZNAJDER, *apud* BINSZTOK e BENATHAR, 1979, p. 77-97; PEDRÃO, 1993).

Foi nessa contradição entre a cooperação e a concorrência que as urbanidades, desde seus primórdios, construíram seu papel fundamental de debate político e direcionamento administrativo e produtivo.

A urbanidade se tornou o espaço para fóruns privilegiados de todos os debates e construções sociais. Não é difícil demonstrar que os principais debates das ciências, da educação, da higiene e saúde, da legalidade e das leis e de qualquer outro aspecto social, sempre se deu via fóruns de debates e práticas sociais urbanas. Refiro-me aqui não somente aos fóruns oficiais e espaços de governo formal. É necessário que tenhamos a visão de Gramsci sobre as instituições urbanas e seu papel na construção social (GRAMSKI, 1978). Sendo assim, um hospital, uma escola, um terminal rodoviário, são todos centros de convivência e debate político, não só aqueles de caráter explícito, mas também, e principalmente, outros fruto da convivência e uso cotidiano dos equipamentos e paisagens urbanas. Cada atitude, cada movimento pessoal ou em grupo, cada opção são elementos de debate e construção social-urbana.

A cidade permaneceu quase absoluta como palco privilegiado destes debates e construções da História até recentemente. A emergência das novas tecnologias da informação, dos novos meios e técnicas de comunicação, e principalmente dos ambientes tecnológicos de convivência em rede desde o final do século XX, tem possibilitado o surgimento de formas alternativas de construção e debate social, que quase se aproximam de uma conspiração capaz de oferecer às comunidades de diferentes localidades, ambientes de construção social supra-urbana e supralocais, embora influentes em cada localidade.

O debate urbano, com raras e fracas exceções, sempre foi situado no contexto da urbanidade mesma. Acontece que a interação e convivência capaz de legitimar as construções sociais sempre se dão na comunidade de contato imediato de cada sujeito. Os raros contatos por correspondência, telefone ou telégrafo, em viagens, ou mesmo recentemente a partir da televisão, não são frequentes, não têm continuidade, nem atualidade, e nem a possibilidade de pluriparticipação cotidiana e contínua, necessárias ao envolvimento nos debates e construções sociais, propriedades que só eram obtidas no contexto do cotidiano urbano. A sociedade em rede consegue produzir estas características essenciais da construção social em rede, tornando possível uma certa trans-urbanidade, formada por comunidades compostas por identidades não territo-

riais ou cidadinas, que permitem o debate e as construções sociais em outros níveis, que não o urbano, e capazes de dar vida aos muitos exemplos atuais de política e governo eletrônico.

### **A sociedade em rede: novo fórum de debates, construções políticas e ações de governo**

Nos últimos 50 ou talvez 60 anos, a humanidade testemunhou o crescimento avassalador das tecnologias da informática e das comunicações. Este crescimento, além de resultar na inserção destas tecnologias em quase todos os campos de atuação e relação humanas, deu condição para que um ambiente de convivência em rede eletrônica provocasse algumas novidades quanto às possibilidades de convivência e organização comunitária dos seres humanos (MATTIA, 2001)

Pierre Levy (1993) muito propriamente identifica o funcionamento da sociedade em rede, chamando-a de sociedade do conhecimento, e funcionando a partir da base material possibilitada pelo ambiente em rede.

Muitos estudiosos chegam a afirmar que vivemos a emergência de um período Pós-moderno. Não compactuamos exatamente com esta idéia, por pensarmos que a modernidade é caracterizada pela hegemonia da sociedade capitalista, de seu modo específico de produção, e do conjunto de idéias que sustentam tal sociedade, no entanto, é inegável que algumas transformações provocadas pelo novo ambiente, romperam com os clássicos padrões de relacionamento e interação vividos principalmente no ambiente comunitário urbano, para galgar novas formas e dimensões, criando possibilidade para novas construções social e até mesmo para novas relações produtivas.

A rede Internet, mundializada graças à base instalada de computadores, possibilitou que fossem construídas grandes séries de comunidades que se encontram e trabalham virtualmente. A Internet foi criada, desde o início, com uma vocação comunitária. Embora a primeira comunidade criada tenha sido composta para fins militares, a rede rapidamente evoluiu para abrigar comunidades científicas, comerciais, educacionais, de entretenimento e outras (NEGROPONTE, 1996; CANTON, 2001). De fato, em pouquíssimos anos se formaram milhões de sociedades e comunidades, que nada têm de virtual, mas que se encontram no ambiente virtual.

É importante perceber que, apesar de terem um encontro virtual, assíncrono e independente da posição geográfica, as comunidades são reais e não virtuais, e seus efeitos e influência são concretos. Cria-se assim um conjunto de organizações comunitárias supra-urbanas e mesmo

supranacionais. É evidente que cada comunidade de aprendizagem, ou cada comunidade diversa de práxis, ou qualquer outra comunidade que se realize nas redes de computadores, são capazes de agregar participantes que estejam distanciados até por continentes ou oceanos, mas que mesmo assim conseguem interagir, trocar idéias, de forma instantânea em tempo real ou assincronamente em tempos divergentes, ou discutir e tomar decisões, construir algo em comum, como se estivessem no mesmo local.

Este poder excedeu a capacidade clássica de interação e debates antes quase exclusivos das urbanidades, provocando que os temas e discussões possam agora acontecer no âmbito das comunidades regionais ou mundiais. As discussões por sua vez tendem a retornar, sob influência da interação mais ampla em rede, para o contexto local, traduzido ali pelo cidadão da urbanidade, que vivencia seus problemas locais, mas que agora consegue participar de até muitas comunidades trans-urbanas colhendo assim visões e realidades plurais e diversas daquelas em que vive, para finalmente poder influenciar no local a partir destas novas experiências.

Creio ser mais importante agora dar alguns exemplos destas comunidades e de seu funcionamento para que se perceba a profundidade do que está em andamento como processo social:

1. Mesmo que Salvador tenha melhorado muito em sua capacidade de atender às necessidades materiais de seus habitantes, não é difícil que um pesquisador ou estudante fique distante e até à margem do principal desenvolvimento científico sobre qualquer tema, já que as livrarias locais e políticas editoriais brasileiras são muitas vezes limitadas quanto à atualidade. Em Salvador temos alguma dificuldade, no contexto de nossa comunidade urbana, de participar do contexto editorial mais avançado. Desde que livrarias digitais, como a *Barnes and Nobles* (<http://www.barnesandnoble.com/>) e a *AMAZON* (<http://www.amazon.fr>) e passaram a administrar comunidades internacionais de clientes e fornecedores, foi possível participar e acompanhar com conforto e eficiência qualquer desenvolvimento editorial sobre qualquer tema. Foram então criadas comunidades de práxis voltadas para o mercado editorial mundial que atualizam qualquer interessado a qualquer momento. Os clientes poderão contatar mundialmente outros clientes e interessados em temas correlatos àqueles ligados às suas compras. É evidente que a participação de muitos cidadãos locais nesse tipo de comunidade provoca influências no local. Da mesma forma que a loja virtual de livros, outras lojas virtuais, mercados em rede, estão cada vez mais comuns e criando condição para a expansão desta trans-urbanidade.

2. Os clubes e comunidades que reúnem pessoas de interesse comum não são novos e sempre reuniram pessoas de origens diversas. Associações profissionais, fãs clubes, grupos de amigos, amantes de algum esporte, membros de partidos ou grupamentos políticos, e outros grupos, sempre tiveram uma atuação interurbana e até internacional, mas nunca, como hoje, em tempo real e em sessão ininterrupta. Multiplicou-se pela rede serviços, hoje gigantescos, de associação de pessoas de todos os tipos, etnias, credos e interesses, que interagem, debatem e constroem realidades intercomunitárias e trans-urbanas de forma praticamente incontrolável e incontável. A página WEB brasileira *Grupos* (<http://www.grupos.com.br/>), por exemplo, contabiliza mais de 35.000 grupos que discutem temas diversos tais como educação, meio ambientes, notícias, publicações, religião, música, artes plásticas, esportes, leis e governos, negócios, regiões, países, saúde, medicina, comportamento, sexualidade e muito mais.
3. Os movimentos políticos e organizações de pessoas comuns, ou ONGs também são um bom exemplo desta trans-urbanidade. São muitos os exemplos de organizações que funcionam e trabalham mesmo em rede. Esse ponto é importantíssimo e até mesmo assume dimensões não muito conscientes nos não especialistas, já que grupos terroristas, a famosa Al Qaeda, quadrilhas e máfias podem também circular e atuar por esta nova via. Vale destacar que na comunidade urbana isso também acontece. No processo de competição por soluções encontrado nas cidades poderemos encontrar os grupos políticos mais diversos, inclusive os marginais e os contestadores, muitas vezes violentos. Mas além dos grupos contraditórios, encontramos aí também diversos exemplos do ativismo mais aceito, mais participativo, mas sempre supra-urbano, e continuamente se transformando os debates locais a partir do contínuo debate mais amplo. Dois bons exemplos são a internacional ONG GreenPeace e o MST (<http://www.greenpeace.com.br/> e <http://www.mst.org.br/>).
4. As comunidades de aprendizagem também se multiplicaram. Muitas são as soluções de educação à distância – EAD, comuns hoje em dia. Mas a verdade é que as verdadeiras comunidades de aprendizagem não são tão comuns assim. Muitas propostas EAD são simples transposições da escola clássica para a rede, na qual um centro passa a ditar como deve ser, enquanto os receptores diversos apenas recebem o pacote pronto do que se costuma chamar conhecimento. Estas iniciativas estão na rede, mas nada acrescentam ao ambiente em rede. São serviços não comunitários pois não admitem a participação. Este fato chega a ser absurdo já que justamente a educação é a ciência que estuda com maior profundidade a interatividade, as interações, a possibilidade de colaboração e suas conse-

qüências para a formação da cidadania e dos seres humanos. Por outro lado, a existência de comunidades de aprendizagem favorecem a disseminação da sociedade comunitária trans-urbana, já que acaba por habilitar as pessoas à convivência para além da comunidade local e suas questões. Alguns exemplos de ambientes propícios formação de verdadeiras comunidades de aprendizagem merecem ser citados. Temos os excelentes casos do *Virtual University* (<http://virtual-u.cs.sfu.ca/vuweb.new/new.html>), do *Knowledge Forum* (<http://www.learn.motion.com/lim/kf/KF0.html>) e do *aulafácil* (<http://www.aulafacil.com.br/>), todos sistemas preparados para a articulação de comunidades que têm como fim a construção do conhecimento e a aprendizagem em rede..

5. O governo eletrônico tem sido cada vez mais efetivo. A princípio se tratava apenas de questões estratégicas e militares, depois um instrumento de efetivação das políticas governamentais mais importantes: divulgação de projetos e relatórios, divisão de recursos, políticas dos ministérios e outras. Seguiu-se então a difusão atuação de governos estaduais e provinciais e mesmo municipais. E finalmente cada serviço mais simples passou a poder ser feito em rede. É assim que hoje desde eleições, combate ao terrorismo ou policiamento, declaração e pagamento de impostos, até orientações ou serviços de saúde são conduzidos com eficiência pelo governo em rede. Um exemplo claro do poder dos governos em rede está no caso da educação e pesquisa científica. Em nível federal o MEC (<http://www.mec.gov.br/>), a CAPES (<http://www.capes.gov.br/>) e o CNPQ (<http://www.cnpq.br/>), através de suas páginas WEB, do sistema LATTES, dos sistemas de Coleta e Avaliação das pós-graduações, dos sistemas de submissão de novos cursos, dos sistemas diversos de avaliação de escolas, dos sistemas de organização de propostas para captação de recursos, e outros, criaram a possibilidade de ordenação de uma verdadeira rede de educação e pesquisa no país. Através da rede estes institutos e departamentos de governo têm eficientemente, em tempo real e contínuo, e de forma trans-urbana, ordenado a política nacional de pesquisa, atingindo inclusive o exterior e construindo bases de debates que extrapolam qualquer base local, de forma definitiva e inter-comunitária. O nível estadual vem procurando acompanhar estes resultados federais, já tendo obtido alguns sucessos, tais como a página WEB da FAPESB (<http://www.cadct.ba.gov.br/>) e a página da Secretaria de Educação do Estado (<http://www.sec.ba.gov.br/>), faltando ainda o município de Salvador (<http://www.salvador.ba.gov.br/>) se ocupar de criar sua versão de Secretaria Municipal de Educação em rede. Que pesem as muitas possíveis críticas advindas principalmente do processo de criação inicial e experimental destas redes de governo ele-

trônico, é inegável que em muitos de seus serviços as páginas governamentais já estão cumprindo seu papel fundamental de administração trans-urbana e organização oficial da sociedade em rede.

A emergência das comunidades em rede aqui exemplificada ainda não se encontra suficientemente estudada. Por isso mesmo não se trata de um levantamento exaustivo e nem de um estudo de caráter conclusivo. Ao invés, temos aqui um estudo preliminar cuja consequência mais importante é a divulgação de uma situação ainda preliminar e até embrionária, além de chamar a atenção dos leitores para que se participe desta construção em pleno processo.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento de tecnologias talvez seja o comportamento que mais diferencie o ser humano das outras espécies de vida que habitam nosso planeta. A cidade, por sua vez, tem sido o palco privilegiado de desenvolvimento das tecnologias: centro de convivência, produção, comércio e decisões, desde sua origem, os núcleos urbanos se destacaram como centros de desenvolvimento das mais diversas tecnologias, sempre voltadas para facilitar cada vez mais a realidade cotidiana e a interação dos cidadãos em torno da construção de suas vidas e realidades sociais.

A chamadas novas tecnologias da informática e comunicação são também resultado do desenvolvimento urbano das urbanidades. O fato incomum é que estas tecnologias têm sido usadas para que a interação urbana seja extrapolada, e resultem em ambientes propícios para a interação interurbana ou mesmo trans-urbana como tentamos mostrar neste artigo.

A trans-urbanidade sugerida se deve à constatação de que as novas tecnologias vão além de possibilitar contatos e construções interurbanas a partir do transporte ou comunicação entre núcleos urbanos, criando verdadeiras redes organizadas e contínuas de interação, discussão e construções de interatividades diversas que extrapolam constantemente o âmbito local, criam ambiente de discussão e debate de abrangência bem maior, para retornar a partir de seus membros, na forma de influência às localidades onde habitam.

Talvez possamos no futuro divisar melhor o equivalente a avenidas, ruas, viadutos ou praças presentes nessas comunidades virtuais que habitam os meios eletrônicos, isso deverá acontecer na medida em que as pesquisas na área possam avançar e possamos interpretar com mais clareza as infovias, que substituem em meio virtual, as clássicas vias de fluxo e locais de interação e convívio das vias urbanas.



De certo que atualmente já podemos divisar com alguma clareza que os seres humanos, habitantes das urbanidades, convivem e interagem em outros substratos de comunidades trans-urbanas em meio eletrônico, que acabam por compor um conjunto complexo de influências, re-influências e conseqüências de suas participações em todos os substratos por eles habitados, o que cria condição para um movimento de renovação e construção plural em todos os níveis, inclusive no meio urbano.

Vias trans-urbanas, ambiente complexo de interações inter-comunitárias, meio eletrônico, e muitos outros conceitos, são apenas uma parte daquilo que teremos que decifrar e compreender melhor para que se possa construir um conhecimento útil e capaz de melhor orientar o ser humano nesses novos ambientes de convivência

## REFERÊNCIAS

CANTON, James. *Tecnofutures*. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

GRAMSKI, Antônio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1993.

MATTA, Alfredo. *Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores, um ambiente para o ensino aprendizagem de História*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Salvador.

NEGROPONTE, Nicholas. *Vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PEDRAO, Fernando. Os novos modos de metropolização. In: *BAHIA: Análise e Dados, Questão Urbana*. Salvador: Centro de Estatística e Informações, 1993. V. 3, n. 1, p. 18 – 21.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, Ângela. *Limites do Habitar*. Salvador: Edufba, 2000.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. *A grande cidade: esfacelamento e reconversão de valores*. In: BINSZTOK, Jacob e BENATHAR, Levy. *Regionalização e urbanização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

*Recebido em 21.08.02*